



**Iconografia de uma despedida:
o adeus a Nelson Mandela por meio da charge**

**Renata de Paula dos Santos
Rozinaldo Antonio Miani**

Artigo recebido em: 27/09/2015
Artigo aprovado em: 22/12/2015

DOI 10.5433/1984-7939.2015v11n19p95

Iconografia de uma despedida: o adeus a Nelson Mandela por meio da charge *

Iconography of a farewell:
the goodbye to Nelson Mandela through cartoon

Renata de Paula dos Santos **

Rozinaldo Antonio Miani ***

Resumo: *Este artigo analisa charges produzidas na África do Sul como homenagem póstuma a Nelson Mandela. Por meio da análise do discurso chárstico, aferimos a importância simbólica do líder popular para a política nacional. Tomamos como referência o conceito de charge como uma prática discursiva e com características políticas, defendido por Miani (2011). As reflexões sobre a historiografia sul-africana foram desenvolvidas a partir de Jonge (1991) e Marinovich e Silva (2003).*

Palavras-chave: *Nelson Mandela; África do Sul; Discurso Chárstico*

Abstract: *This article examines cartoons produced in South Africa as a posthumous tribute to Nelson Mandela. By analyzing the cartoon's discourse, we assess the popular leader of symbolic importance for national policy. We take as reference the concept of cartoon as a discursive and political characteristics, defended by Miani (2011) practice. Reflections on the South African historiography were developed from de Jonge (1991) and Marinovich and Silva (2003).*

Keywords: *Nelson Mandela; South Africa; Cartoon's Discourse*

* Este artigo foi desenvolvido durante o término da dissertação apresentada ao Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), na qual o líder negro era um dos personagens centrais da pesquisa. O trabalho foi desenvolvido com o financiamento da CAPES e apresentado no III Simpósio de Comunicação Popular e Comunitária, promovido pela UEL.

** Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Docente na Faculdade Pitágoras de Londrina.

*** Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Mestrado em Comunicação da UEL.

Charge: texto jornalístico de humor e crítica social

A charge é um texto jornalístico em que a relação tempo e espaço deve ser bem demarcada. Estas características são indispensáveis para que o leitor identifique que fato e quais personagens estão ali identificados. Ao construir um argumento, o chargista utiliza como fio condutor um assunto de relevância, que já é de conhecimento do público; no entanto, a partir destes dados, ele vai transferir para o traço - e também para o texto - os seus juízos de valor. A charge traz em si marcas e questionamentos muito particulares do artista que a produziu e do período em que ela foi pensada. Para Juan García Cerrada (2011), o humor gráfico (o autor se refere à charge, à tira cômica, à história em quadrinhos curta e à caricatura pessoal) faz parte dos acontecimentos do país e traz em si estas características. A cada período histórico, ele se apresenta como um documento social.

Por utilizar o traço para a construção do seu argumento, Edson Carlos Romualdo (2000) destaca que a charge é um texto que atrai o público por ser de rápida leitura e por transmitir várias informações de maneira condensada. Além disso, a charge se estrutura e estabelece a sua crítica a partir do humor. Para Rozinaldo Miani (2005), a charge é definida como uma modalidade das linguagens iconográficas de caráter eminentemente político e que não se desvincula do humor. Seu argumento é elaborado a partir da crítica a um fato ou a um indivíduo específico e na defesa de uma ideia. Uma definição semelhante é apresentada por Romualdo (2000) ao considerar a charge como um texto visual de caráter humorístico que estabelece uma crítica a um personagem, fato ou acontecimento político. Para o autor, por meio do humor, a charge busca revelar o que está oculto em personagens, fatos ou ações políticas e destrona os poderosos, colocando assim, figuras importantes do cenário

político em situações constrangedoras.

Ainda em Miani (2012), tomamos a charge como um instrumento de crítica que auxilia no debate ideológico e na organização política da sociedade. Como manifestação linguística, a charge é defendida enquanto um instrumento de persuasão, podendo culminar com o passar do tempo em um processo de mobilização social, já que a charge busca a todo tempo convencer o seu leitor de seus argumentos. A charge, costumeiramente, se destaca como um texto de crítica política. No caso específico deste artigo, percebemos uma utilização diferente. As charges tecem uma homenagem a Nelson Mandela, reconhecendo grandes feitos de sua vida pública e sua importância simbólica para a África do Sul. Justificamos a inscrição deste artigo no III Simpósio de Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL), tendo em vista a importância do líder negro para o combate ao racismo e sua luta política contra a hegemonia branca durante as décadas de

Quem é Nelson Mandela?

O Grande Estadista, Ícone do Século XX, o Conciliador, o Pai da Nação. Todos estes adjetivos são costumeiramente utilizados para descrever Nelson Mandela, o primeiro presidente negro da África do Sul (1994-1999). Adorado em seu país e respeitado em todo mundo, sua vitória foi o resultado de muitas décadas de abdicção pessoal e de luta contra a *apartheid*, regime de segregação racial que governou o país entre os anos de 1948 e 1994. A importância do líder negro aos sul-africanos ficou evidente durante a cerimônia de seu velório público. O ex-presidente faleceu em 5 de dezembro de 2013, em decorrência de problemas pulmonares.

Mandela passou 27 anos preso por sua postura crítica ao regime de minoria branca. Durante este período, ficou separado de sua família; não viu suas crianças crescerem e não pode participar

dos funerais de sua mãe e de um dos seus filhos. O homem que foi condenado à prisão perpétua no julgamento de Rivonia, no início da década de 1960, era explosivo e com uma extrema capacidade de liderança. O líder político que retornou à liberdade quase três décadas depois era paciente, conciliador, mas mantinha a mesma capacidade de liderar grandes feitos.

A criação de um braço armado em seu partido em meados da década de 1940, a Liga Jovem do Congresso Nacional Africano (CNA), foi a estratégia adotada quando a diplomacia não dava nenhum resultado no combate à segregação racial. Derrotar o Estado era praticamente impossível. As manifestações populares e a campanha pela desobediência civil renderam-lhe uma acusação de traição e a retirada da vida pública.

Mandela não foi um santo, nem um pacifista como Gandhi, mas foi um líder político que soube usar a sua influência para evitar a deflagração de uma guerra. Durante os seus últimos anos de prisão, percebeu que um acordo só seria possível por meio de diálogo (CARLIN, 2009) e foi o que ele fez. Encontros secretos com representantes do *apartheid* aconteceram entre os anos de 1985 e 1990, até que ele foi liberto.

Porém, apesar de suas tentativas, ele não pode impedir que a transição política fosse um processo violento. Diante dos confrontos financiados pelo Estado branco, Mandela ameaçou publicamente encerrar as negociações com o Frederik de Klerk. Sua imposição estimulou a assinatura de um acordo entre o CNA, o Governo e o Partido da Liberdade Inkatha (PLI), movimento tribal financiado pelo *apartheid*, classificado por John Carlin (2009) como a “direita negra”. Greg Marinovich e João Silva (2003) destacam que 14 mil sul-africanos foram mortos durante os conflitos intertribais entre *xhosas* e *zulus*, entre 1990 e 1994.

A mitificação de Mandela

Ao deixar a presidência em 1999, Mandela julgou ter cumprido sua missão frente ao país. No entanto, algo mais deveria ser feito; era preciso falar à população sobre o fantasma da AIDS, até porque o ex-presidente também havia perdido um filho, em 2005, vítima da síndrome. O jornalista Adam Roberts (2013) da revista Slate afirma que o líder negro se dedicou em uma campanha pública contra a doença como um meio de remediar o pouco que foi feito em seu mandato. Ele também emprestou a sua imagem e carisma para apoiar projetos de sua esposa, Graça Machel.

Se presidir um país não é uma tarefa fácil, o desafio de Mandela era ainda maior. Além dos problemas decorrentes da sua função de chefe de Estado, o líder negro deveria vencer as sombras de um regime com características ditatoriais. Concordamos com Carlin (2009), quando o jornalista afirma que Mandela tinha a missão de construir uma nova realidade à prova do *apartheid* e de um possível golpe de Estado, até porque a transição política sul-africana pode ser considerada como um processo radical. Com as eleições de 1994, o poder deixou as mãos do Partido Nacionalista e, desde então, o Estado é governado pelo CNA. O acesso ao voto mudou completamente essa relação: até 1994, o direito era restrito à população branca.

A aposentadoria política de Mandela deu início a um período de crise na África do Sul. A vitória de Thabo Mbeki, seu sucessor, e as frequentes acusações de corrupção, culminaram em uma crise política que afetou drasticamente a imagem do partido frente à população, que continuou a nutrir um sentimento de gratidão pelo líder negro (SANTOS, 2014). A renúncia de Mbeki, após perder o apoio do CNA, foi um duro golpe para uma democracia em processo de construção. Enquanto a imagem do partido sofria baixas, Mandela continuava reverenciado por grande parte dos sul-africanos. O

fotógrafo João Silva, que cresceu na África do Sul e atuou como *freelancer* no período de transição para a democracia (1990-1994), afirmou que o líder negro era “quase um messias” (SILVA, 2013) para grande parte dos sul-africanos.

Na esfera política, Mandela foi a principal preocupação da África do Sul durante vários anos. Enquanto o Estado pretendia lançá-lo ao esquecimento, a população tomava o seu nome como a inspiração para a luta popular. O banimento de Mandela também resultou em vários prêmios internacionais por seus esforços contra o racismo (SANTOS, 2013). A prisão de seu principal opositor deixou de ser uma característica que favorecia a manutenção do *apartheid*. A ausência do nome mais expressivo do CNA aumentou a pressão interna (greves e manifestações populares estavam cada vez mais frequentes) e também a externa, com os esforços de diversos países para que ele fosse libertado. Com o objetivo de apoiar os partidos de oposição, a Organização das Nações Unidas declarou 1978 como o *Ano Internacional contra o apartheid*.

Após a sua libertação, Mandela se destacou por perdoar os seus inimigos e não retirá-los do processo de transição. O líder negro convidou um de seus carcereiros para assistir a sua cerimônia de posse na primeira fila e visitou a viúva de Hendrik Verwoerd (1901-1966), considerado o arquiteto do *apartheid*. Talvez, a iniciativa mais representativa tenha sido a de dividir o Governo de transição com De Klerk, presidente que o libertou, mas que tinha por ele muita resistência, quase repulsa.

Outro fato que culminou para a mitificação de Mandela foi o Prêmio Nobel da Paz, o qual dividiu com De Klerk. Em 1993, os dois foram homenageados por seus esforços contra o regime de segregação. Enquanto Mandela recebia o título pela sua conduta pública, De Klerk era lembrado como o presidente que flexibilizou algumas medidas de segregação, libertou presos políticos, entre eles Mandela, e convocou, em 1992, um referendo entre os brancos para decidir sobre o futuro do *apartheid* (JONGE, 1991). A pergunta

Você apoia o processo de reformas que o presidente começou no dia 2 de fevereiro de 1990, cujo objetivo é uma nova Constituição por meio de negociação? foi aprovada por 68,73% dos eleitores e negada por 31,27%. Klaas de Jonge (1991) aponta que dados do Governo de 1990 revelavam que a população branca era de 13,5%. Os negros representavam 75,3%, os asiáticos 2,6% e os mestiços 8,6%.

O último presidente do *apartheid*, classificou o seu rival e, posteriormente, parceiro político, como “humano” e “compassivo” ao compreender os medos da minoria branca frente ao processo de transição. O político destacou que a unificação do país foi a maior conquista de Mandela. "Ele foi um grande unificador e um homem muito, muito especial neste quesito além de tudo mais que ele fez. Essa ênfase na reconciliação foi seu maior legado" (KLERK apud REUTERS, 2013).

Talvez o *Mandela Day* tenha sido a última grande homenagem ao ex-presidente em vida. Em 2008, o aniversário de 90 anos de Nelson Mandela foi comemorado publicamente em Londres, no Hyde Park. Com o sucesso da celebração, o dia 18 de junho, aniversário do líder negro, tornou-se uma homenagem a Mandela, em âmbito mundial. A festa surgiu com o objetivo de celebrar sua dedicação na luta contra o racismo. A primeira edição oficial do *Mandela Day* foi celebrada no ano seguinte, em 2009. A comemoração foi reconhecida em 10 de novembro do mesmo ano pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o *Dia Internacional de Nelson Mandela*. O projeto foi aprovado por unanimidade entre os países-membros da organização. O cerne da data é estimular as pessoas a doarem 67 minutos do seu dia para auxiliar o próximo. O número representa um minuto para cada ano que o político dedicou à luta pelos direitos humanos.

Em 2013, o *Mandela Day* foi celebrado em meio a uma grande consternação nacional. O ex-presidente passou o seu aniversário hospitalizado, em decorrência de problemas pulmonares. Milhares de sul-africanos ganharam as ruas em manifestações públicas de

carinho e gratidão ao homem que eles consideravam como o “Tata”, o Pai da Nação. Mandela desenvolveu tuberculose durante os anos em que ficou encarcerado. Desde que se afastou da vida pública devido a problemas com a saúde, o líder negro passou a ter uma importância simbólica na África do Sul. É como se a sua presença simplesmente interferisse nos rumos do país. O homem que abandonou a sua realeza tribal, e passou anos na clandestinidade, chegou ao fim da vida com *status* de herói (SANTOS, 2013). Em 2014, foi celebrado o primeiro *Mandela Day* após a sua morte.

A morte de um homem que virou herói

O último ano de vida de Mandela foi bastante agitado. O líder negro passou por sucessivas internações e estava cada vez mais recluso. Imagens de seu frágil estado de saúde foram divulgadas em abril de 2013 e causaram polêmica no país. Com o passar do tempo, aquilo que parecia muito distante, o declínio físico de um grande ativista, estava evidente. Para nós, pode parecer difícil compreender esta situação, afinal não temos no Brasil um líder político com a magnitude de Mandela. Diante do espanto com o envelhecimento do primeiro presidente negro do país, Silva confessa que:

Em 2008, percebi como [Mandela] tinha envelhecido e como parecia mais frágil, pois haviam passado muitos anos desde que eu o tinha visto e isso foi horrível. Tenho uma foto dele sendo ajudado por Jacob Zuma que guardei por muito tempo porque sabia que Mandela estava ficando velho e vendo-o assim tão frágil era incrível. Ele é a imagem de um homem caminhando rumo à liberdade. Mas, assim como todo mundo, ficamos velhos e morremos. Em 2008 percebi pela primeira vez essa fragilidade e desde então não o fotografei (SILVA apud SINHA, 2013).

Com a saúde cada vez mais frágil, a morte do líder negro começou a ganhar espaço na mídia sul-africana. Desmond Tutu declarou que, por mais difícil que esta despedida poderia ser, os sul-africanos deveriam se preparar porque ela estava próxima. Uma

ideia semelhante foi utilizada pelo chargista sul-africano Zapiro em uma de suas ilustrações. Em seu site oficial, Zapiro declarou, em abril de 2013, que a notícia de que Mandela estava em um hospital amedrontava o escritório presidencial. Os anúncios de que o líder negro estava bem, apesar da necessidade de intervenção médica, eram frequentes. Em um tom reflexivo, o chargista, profundo admirador de Mandela, disse que era preciso aceitar que o fim do líder popular estava próximo e que apesar da tristeza, o país precisaria continuar avançado. O que o chargista pensou como uma homenagem teve uma repercussão negativa no país.

Figura 1a



Figura 1b



Fonte: South Africa at the Bedside of Mandela, 2013, Zapiro, Site Zapiro

A figura *South Africa at the Bedside of Mandela* (África do Sul à beira do leito de Mandela) foi produzida para o jornal sul-africano *The Times*. O argumento original (Figura 1 a) mostra Nelson Mandela deitado em uma cama; o intuito é remeter à internação do líder negro. Próximo ao leito, um mapa representa a África do Sul. O chargista optou por humanizar a representação geográfica e assim atribuir um grau de generalidade (todos os sul-africanos temem a morte de Mandela).

O texto *I know it's hard, but we have to start letting go...* (Eu sei que é difícil, mas temos que começar a deixar ir ...) demonstra

certa fragilidade e cansaço do líder negro. Por opção do editor, o texto foi retirado e a charge foi publicada apenas com a imagem (Figura 1 b). Entretanto, o argumento original foi veiculado na internet na edição digital do periódico. A charge dividiu opiniões: Zapiro foi acusado de ter colocado palavras na boca de Mandela; em contrapartida, alguns consideraram o argumento como uma bela homenagem. Na família do líder negro a recepção foi negativa; Mandla Mandela, neto mais velho do político, julgou inaceitável ouvir sobre a morte de seu avô quando ele ainda estava vivo.

No dia 5 de dezembro de 2013, o presidente Jacob Zuma, em um comunicado oficial, informou a morte de Mandela. Durante o anúncio, o líder negro foi classificado como o maior filho da África do Sul. A morte de Mandela gerou uma comoção internacional. Lideranças do mundo inteiro comentaram sobre o seu legado e sua importância para o país. A população tomou as ruas das cidades, com cânticos e danças em sua homenagem. O anúncio ganhou as manchetes de jornais do mundo inteiro, conforme podemos observar na figura 2.

Figura 2



Fonte: Morte de Mandela noticiada em jornais e revistas de todo o mundo, 2013

Entre os chargistas, o anúncio também provocou comoção. As imagens tiveram um tom de homenagem e agradecimento a Nelson Mandela. Escolhemos apenas algumas charges para apresentar como se deu esta representação. A figura 3 - *Mandela: He changed the world* (Mandela: Ele mudou o mundo) - foi publicada no dia 6 de dezembro, um dia após a morte do líder negro, no jornal *Mail & Guardian*, produzida por Zapiro.

Figura 3



Fonte: Mandela: He changed the world, Zapiro, 2013, Site Mail & Guardian

Zapiro destaca o legado de Mandela em sua homenagem. Mais do que abordar os feitos políticos do líder negro na Terra, o chargista recorreu ao espaço. Dois extraterrestres olham para o planeta e percebem que alguma coisa aconteceu, que algo estava diferente. Mesmo sem identificar de quem era aquela fisionomia, eles destacam: *Whatever it is, it's transformed their planet* (Seja quem for, mudou o seu planeta). A Terra se transformou no rosto de Mandela. O argumento criativo é uma síntese aos seus esforços pelo fim da segregação racial. Zapiro demonstra o seu apreço pelo ex-presidente e considera que o mundo ficou melhor por sua causa.

A charge também traz à tona a influência e o respeito que Mandela conquistou fora da África do Sul.

Os chargistas reconhecidos por seus desenhos críticos, e até mesmo ofensivos, mostraram-se bastante sensibilizados pela morte de Madiba . Arriscamos afirmar que esta foi uma das raras vezes em que um líder político foi lembrado de uma maneira tão terna. A figura 4 - *The Light has gone out* (A Luz se apagou) - é do chargista Avi Ramjan. A imagem foi publicada no jornal *The Post*, também no dia 6 de dezembro.

Figura 4



Fonte: *The Light has gone out*, Avi Ramjan, 2013, Africartoons

Diante da charge de Ramjan, podemos ter uma dupla interpretação. Primeiramente, podemos considerar que a luz do líder negro se apagou, algo natural e que acontece com todas as pessoas. Entretanto, o título destaca a palavra “luz” com letra maiúscula, o que nos remete à ideia de que ele iluminava a África do Sul. A vela com o seu apelido está apagada; ela se consumiu em favor de um legado. A abordagem é metafórica, mas situa Nelson Mandela como alguém que colocou a sua vida em prol da luta política.

Os chargistas Swanepoel e John Curtis também homenagearam Nelson Mandela no dia 6 de dezembro de 2013. Os dois formam uma parceria e assinam as charges como Dr Jack & Curtis. A charge não foi veiculada em jornais, apenas na internet no *site Africartoons*. A figura 5 não tem título, mas certamente representa muito aos sul-africanos. Os chargistas se lembraram de uma das principais marcas de Mandela durante o seu mandato para homenageá-lo.

Figura 5



Fonte: Sem título, Dr Jack & Curtis, 2013, Africartoons

Apenas pessoas que conhecem muitos detalhes da vida de Madiba conseguiriam entender o objetivo desta charge. Com exceção do texto *Rest in Peace* (Descanse em Paz), sucedido pelo nome do líder negro e os anos em que nasceu e morreu, não há nenhuma referência clara à morte do político. O argumento é simples, mas carregado de simbologia. Quando Mandela chegou à presidência da África do Sul, ele começou a utilizar camisas com estampas típicas sul-africanas. O hábito, que permaneceu após sua retirada da vida pública (conforme podemos observar na figura 6), era uma valorização da cultura de seu país. As camisas estampadas

tornaram-se, no campo chágico, quase uma característica física de Nelson Mandela, recorrentes em vários momentos e nos trabalhos de distintos chargistas.

Figura 6

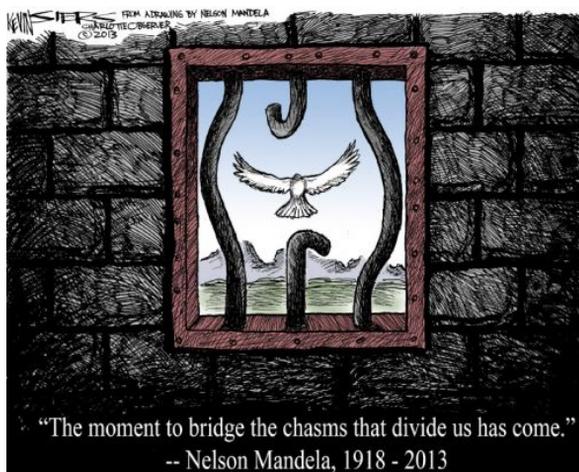


Fonte: Mandela e Lula em Moçambique, Grant Neuenburg, 2008, Site Folha de S. Paulo

Ao comentar sobre a morte de Mandela em um artigo no jornal *Mail & Guardian*, Tutu contou um episódio relacionado às camisas: “He could often be funny. His retort to my criticism of his taste in gaudy shirts was: ‘It’s pretty thick coming from a man who wears a dress in public’” (TUTU, 2013). Na figura 5, os chargistas destacam a camisa como o próprio Mandela, mas nesta ocasião ela está em um cabide; nunca mais será usada. A presença da camisa aponta a ausência do primeiro presidente negro da África do Sul.

A figura 7 - também sem título - foi publicada originalmente no site *The Charlotte Observer*. A charge é de Kevin Siers e, mais uma vez, Nelson Mandela é homenageado sem estar na figura. A imagem só pode ser plenamente compreendida pela relação texto/imagem, assim como na figura 5.

Figura 7



Fonte: Sem título, Kevin Siers, 2013, Africartoons

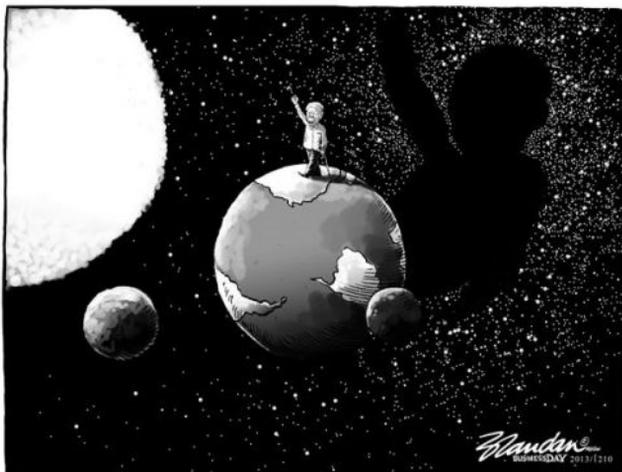
Siers remonta aos 27 anos em que o líder negro ficou preso. O quadro é composto pelo ambiente de um presídio e uma pequena janela. Através das grades retorcidas, uma pomba branca, o símbolo da paz, deixa a cela. Este argumento pode nos render diversas interpretações, mas acreditamos que ele seja um elogio à conduta de Mandela pós-prisão, por isso a presença de uma pomba branca. Outra ideia que a charge possibilita é de liberdade, como se ele realmente estivesse livre após morte. Este argumento foi recorrente em outras charges póstumas de Mandela e prima pelo tom religioso, como alguém que cumpriu a sua missão e agora está livre para descansar. Do ponto de vista físico, a noção de liberdade também faz sentido, já que Mandela estava muito debilitado.

Para selar o argumento e mostrar a sua referência à Mandela, o chargista recorreu a uma das famosas frases do líder negro: *The moment to bridge the chasms that divide us has come* (O momento para transpor os abismos que nos dividem chegou). O discurso que se destacou pela sua conotação política foi utilizado muito bem pelo

chargista. A relação texto/imagem é, neste caso, indispensável e esclarecedora.

A figura 8, de Brandan Reynolds, apresenta muitas semelhanças com a figura 3, que abriu esta análise. A charge foi publicada no jornal *Business Day*, no dia 10 de dezembro.

Figura 8



Fonte: Sem título, Brandan Reynolds, 2013, Africartoons

O paradigma do espaço é novamente utilizado; o objetivo é dar grandiosidade aos feitos de Mandela. Esta charge, bem como a figura 3, retira as fronteiras do legado do líder negro; as suas contribuições transpuseram o seu país, o seu continente e beneficiaram todo o mundo. Nós comungamos desta ideia, até porque o racismo e a segregação racial são males que podem ser sentidos ainda hoje e em qualquer parte do mundo. Por mais que nenhuma expressão extrema de intolerância como o *apartheid* tenha surgido, este sentimento odioso ainda faz muitas vítimas.

A última charge que selecionamos para esta breve reflexão foi publicada por Mark Wiggett, em 12 de dezembro, no jornal *The*

Herald. A figura 9 aborda a cerimônia pública de velório do líder negro que durou 10 dias. Ele foi sepultado em 15 de dezembro, em Qunu, aldeia onde passou a sua infância.

Figura 9



Fonte: Sem título, Mark Wiggett, 2013, Africartoons

As cerimônias fúnebres de Mandela contaram com a participação de chefes de Estado de todo o mundo, celebridades, além de milhões de populares. Durante os dias em que o velório foi aberto ao público, grandes filas se formaram em frente ao palácio presidencial, local da despedida. Wiggett transformou as filas na grafia do apelido do líder negro. Nesta charge, o texto está inserido na própria imagem. Também só podemos entender o tom de despedida considerando a data em que a imagem foi publicada e na relação entre os textos verbais e visuais.

E o futuro?

A despedida de Mandela foi uma celebração que comoveu toda a África do Sul. Ainda que o presidente estivesse afastado da vida pública, a sua presença simbólica era muito importante para a África do Sul; como se ele fosse um regulador do país. Mandela foi um bom presidente, mas não foi perfeito, nem mesmo isento de erros. Mas fez o melhor dentro das suas possibilidades. Seria impossível transformar o país em cinco anos, considerando que a segregação, enquanto sistema de Governo, durou quase cinco décadas. Talvez foram os grandes esforços do líder negro que o transformaram em um personagem frequente na iconografia de seu país, mesmo nos últimos anos, quando estava já recluso e distante da vida pública. A imagem de Mandela apresentava-se como um fator de avaliação para os políticos sul-africanos, um exemplo a ser seguido.

O primeiro negro a presidir a África do Sul foi um homem bom, mas não um santo. Ele será um eterno exemplo para aqueles que são discriminados. A África do Sul perde muito com a sua morte, mas as páginas desta nova história precisam ser escritas. A sua missão de consolidar as bases de uma nova democracia até aqui parece sólida, porém é preciso que os próximos líderes saibam como administrá-las. O país ainda possui índices extremos de desigualdade e a população negra segue economicamente segregada.

Mais do que a ausência de Mandela, o país perde com governantes corruptos. Por mais que o *apartheid* seja passado, os seus efeitos ainda estão presentes na realidade sul-africana. A tarefa de seguir sem a influência de um grande estadista pode ser difícil, mas segundo Mandela: *It always seems impossible until it's done* (Sempre parece impossível até que seja feito).

Acreditamos que apesar da sua morte física, a memória do líder negro continuará presente na iconografia sul-africana. Madiba

tornou-se um chefe de Estado respeitado e admirado pelos chargistas de seu país. Atualmente, as charges apresentam-se como um importante veículo informativo na África do Sul, considerando os crescentes índices de corrupção e as tentativas de cerceamento da imprensa por parte do CNA e do atual presidente, Jacob Zuma.

Referências de Pesquisa

ADEUS A MANDELA REPRESENTA ALÍVIO POLÍTICO PARA ZUMA. O Globo. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/mundo/adeus-mandela-representa-alivio-politico-para-zuma-10995175>>. Acesso em 07 dez 2013.

BIDDLE, Jo. Mandela foi catalogado por décadas como terrorista pelos EUA. Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/mandela-foi-catalogado-por-decadas-como-terrorista-pelos-eua>>. Acesso em 15 dez 2013.

CHAGAS, Paulo Victor. "O governo e os brasileiros se inclinam diante da memória de Mandela", diz Dilma. Disponível em:

<<http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-05/governo-e-os-brasileiros-se-inclinam-diante-da-memoria-de-mandela-diz-dilma>>. Acesso em 05 dez 2013.

CHAGAS, Paulo Victor. Líderes mundiais lamentam morte de Mandela. Disponível em:

<<http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-05/lideres-mundiais-lamentam-morte-de-mandela>>. Acesso em 05 dez 2013.

CARLIN, John. **Conquistando o Inimigo**: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CERRADA, Juan García. Espanha e França vistas através do humor gráfico espanhol. In: LUSTOSA, Isabel. Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

JONGE, Klaas de. **África do Sul**: apartheid e resistência. São Paulo: Cortez: EBOH, 1991.

MARINOVICH, Greg. **Um grande líder, mas escorregou em algumas áreas**. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_grande_lider_mas_escorregou_em_algumas_areas>. Acesso em 10 dez 2013.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. **O Clube do banguê-banguê**: instantâneos de uma guerra oculta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP16MIANI.PDF>>. Acesso em 10 de abr 2011.

ROMUALDO, Edson Carlos. Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Renata de Paula dos. **África do Sul e apartheid**: análise imagética dos conflitos raciais de 1990 a 1994. 2010. 116 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

SANTOS, Renata de Paula dos. **Mandela Day e a coroação do mito**: a representação de Nelson Mandela no traço de chargistas sul-africanos. 2013. 76p. Monografia (Especialização em Comunicação Popular e Comunitária). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SANTOS, Renata de Paula dos. **Iconografia e política na África do Sul**: a representação de Nelson Mandela, Thabo Mbeki e Jacob Zuma nas charges de Zapiro. 2014. 209p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SINHA, Shreeya. **Fotografando fora da bolha branca do apartheid**. Disponível em:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_fotografando_fora_da_bolha_branca_do_apartheid>. Acesso em 10 dez 2013.

TUTU, Desmond. **Um colosso de caráter moral inatacável**. Disponível em:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_colosso_de_carater_moral_inatacavel>. Acesso em 10 dez 2013.